

O EXÍLIO ALTERANDO “GEOGRAFIAS” EM MARIO BENEDETTI

Tatiana da Silva Capaverde¹

RESUMO: Em “Geografias”, de Mario Benedetti, conto publicado em 1984 em livro de mesmo título, podemos analisar a relação estabelecida pelo personagem uruguaio exilado político na França com os espaços representados em suas memórias. A experiência do exílio é tratada de um ponto de vista descentrado, o que fica evidenciado no plural usado no título que aponta para essa variedade de abordagens e perspectivas espaciais. Além da acepção de exílio como afastamento territorial do lugar ao qual se pertence, a obra também aborda de forma metaforizada os deslocamentos que se dão na estrutura interna, na condição mental do personagem, através da relação estabelecida com as pessoas do passado e com o próprio corpo enquanto demarcador temporal e espacial. Serão, portanto, exploradas as categorias espacial (BARTHES; BACHELARD; AUGE) e temporal (BERGSON) a fim de demonstrar a memória dos espaços em deslocamento no conto.

Palavras-chave: Exílio; Deslocamento; Espaço; Tempo; Memória.

EXILE CHANGING “GEOGRAPHIES” IN MARIO BENEDETTI

ABSTRACT: In “Geographies”, by Mario Benedetti, a short story published in 1984 in a book of the same title, we can analyse the relationship established by the Uruguayan character, a political exiled in France along with the spaces represented in his memories. The experience of exile is treated from a decentered point of view, which is evidenced by the plural used in the title that points to this variety of approaches and spatial perspectives. In addition to the sense of exile as a territorial distancing from the place to which one belongs, the work also addresses in a metaphorical way the displacements that take place in the internal structure, in the mental condition of the character through the relationship established with people from the past and with the body itself as a temporal and spatial delimiter. Therefore, the spatial (BARTHES; BACHELARD; AUGE) and temporal (BERGSON) categories will be explored in order to demonstrate the memory of spaces in displacement in the short story.

Keywords: Exile; Displacement; Space; Time; Memory.

A escrita em deslocamento historicamente esteve presente na literatura latino-americana. Tanto escritores estrangeiros cantaram as terras americanas, quanto autores americanos produziram fora de seus países. O tema da migração, do exílio e da viagem, assim como as diferentes formas de representar o estrangeiro nas produções literárias, compõem a poética do deslocamento, colocando em debate noções espaciais e identitárias.

¹ Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR.; E-mail: tatianacapaverde@gmail.com

Tanto os processos de construção identitária de cunho simbólico quanto os marcadamente espaciais promovidos pelas movências e por diferentes formas de transculturalidade são representados e tematizados nos textos literários. Podemos encontrar retratadas na literatura situações de migração, exílio, viagem ou a representação da figura do estrangeiro no universo multicultural como formas recorrentes de se tratar dos trânsitos culturais no âmbito do texto literário, duas diferentes perspectivas que apresentam em comum a poética do deslocamento. O fluxo de europeus e o processo colonizador tornaram os países americanos um espaço de hibridações culturais que se desdobram até nossos dias. Nos textos literários latino-americanos, podemos apontar o relato de viagem como a primeira manifestação escrita dos trânsitos culturais, que data do período do descobrimento. Nesses casos, em sua maioria, o ponto de vista é o do europeu que registra suas impressões sobre os autóctones e suas vivências em território americano.

Já a escrita de autores despatriados se dá em grande medida na década de 70 em função de exílios políticos. O velho continente passa a ser lugar de asilo para grandes nomes da literatura, que produziram suas obras na Europa, como, por exemplo, Julio Cortazar, Juan José Saer, Mario Benedetti, Eduardo Galeano, Antonio Skarmeta e Luís Sepúlveda.

O vocábulo exílio possui seu sentido original vinculado ao ato do banimento e ao local em que se vive o isolamento, como bem salienta Tronquoy (2016):

Oriundo do latim *exsilium* - cujas formas variaram, vide *eixillo* (sec. XIII) e *esil* (sec. XV) -, exílio significou, originalmente e ao mesmo tempo, “banimento” e “lugar em que vive o exilado”. Logo seu sentido figurou-se com “lugar longínquo, afastado, remoto” ou “isolamento do convívio social; solidão”. Juridicamente, há a expressão “exílio local”, que se trata da “proibição judicial que impede criminoso de residir ou permanecer, durante período de tempo não inferior a um ano, na localidade onde praticou o crime, como medida a bem da ordem pública e do próprio criminoso” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1.284).

Tal medida, contudo, e outras de mesma ordem, são utilizadas por poderes totalitários, ditaduras e estados de exceção que não suportam questionamentos, ou mesmo como meio de decisão sobre rivalidades históricas entre povos. Por isso, não raro, encontramos, ao longo da História, intelectuais, filósofos, escritores e poetas que, ao ousarem interrogar as formas estabelecidas da ordem, foram exilados, banidos ou expatriados. Outros, de forma voluntária, em ato simbólico que expressaria uma revolta contra uma situação real ou imaginária, metaforicamente fizeram de sua pena um modo de desvelar o exílio como inerente a própria condição humana. (p. 124)

Em sua maioria, os relatos latino-americanos escritos nas últimas décadas do século XX e que tratam do deslocamento retratam a situação descrita acima: de cidadãos de uma determinada nacionalidade que deverão se expatriar por perseguição política em função das ditaduras dominantes da época. Em função do deslocamento motivado por situação de exílio ser uma forma de punição daqueles que não concordam com o poder dominante, é previsível que essa separação seja impregnada de nostalgia e dor, como salienta Said (2003, p. 46):

[...] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação.

O fato do deslocamento ocorrer de forma obrigada, em função de motivações políticas e/ou econômicas, torna o exilado um país andante, como bem observa Fernandes (2015), pois faz com que ele carregue consigo sua língua, sua cultura e sua saudade rumo a outras geografias. O exilado, diferentemente do migrante, “convive com a fratura de um amanhã incerto, pois mantém o olhar voltado para o passado. Se o migrante veio para ficar, o exilado veio para voltar. Nesse sentido, o novo espaço social é transitório, fugaz, um não lugar.” (FERNANDES, 2015, p. 24) Esses sentimentos de perda e descentramento estão presentes nas ficcionalizações das dimensões espaciais e temporais, pois recriam o sujeito desterritorializado em uma lógica artificial como bem aponta Said:

Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar. [...] O novo mundo do exilado é logicamente artificial e sua irreabilidade se parece com a ficção. Georg Lukács, na *Teoria do romance*, sustentou de modo convincente que o romance, forma literária criada a partir da irreabilidade da ambição e da fantasia, é a forma da "ausência de uma pátria transcendental". (SAID, 2003, p.54)

A aproximação, formulada por Said (2003), entre o espaço vivenciado pelo exilado e o romance é muito interessante, uma vez que aponta para a irreabilidade de suas percepções. O distanciamento do tempo presente e do espaço da pátria colocam os sujeitos desterritorializados vivendo o passado e no não lugar, criando assim uma narrativa própria da história e dos acontecimentos.

A desterritorialização de Deleuze e Guatarri, pensada a partir do sistema rizomático de identidades múltiplas e mudanças metamórficas, aponta para a composição das relações com base nas linhas de segmentaridade e de fuga. Também nos estudos que se seguem sobre o tema, o termo desterritorialização “[...] tanto está ligado à noção de deslocamento de um corpo/sujeito de um espaço/território físico para outro como também relacionado à ideia de uma passagem que compromete laços, vínculos afetivos”. (PARANHOS, 2010, p. 155)

Assim, a desterritorialização faz com que o sujeito não consiga se mover entre a lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção, conceitos pensados a partir da concepção de Henri Bergson (1999), que necessita de um constante movimento entre passado e futuro para a composição do presente. Segundo o autor a lembrança pura decorre da ação motora experienciada no passado; a lembrança-imagem é a atualização da lembrança a partir do presente; e a percepção é a leitura do presente. O sujeito em exílio possui lembranças espaciais de sua cidade natal formadas a partir de experiências do passado que são constantemente revisitadas, porém não conta com a atualização do presente dada a distância espacial imposta. Desta forma temos uma fratura em um processo temporal que possui três etapas interligadas (passado, presente e futuro), fazendo com que o sujeito sempre tenha suas lembranças no tempo passado sem estabelecer conexões possíveis com o presente. Seu único vínculo com o passado faz com que no presente habite o lugar do não pertencimento que exprime o nenhum lugar e o nenhum tempo. Kristeva (1994) descreve esse estado como “[...] a origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso” (p. 15).

A abordagem do tema da vivência de personagens que saíram de seus países nos remete a pensar o exílio enquanto estado desencadeador de uma memória fraturada que necessita de imagens idealizadas pelo tempo. Desta forma, podemos observar, nas obras que tematizam o exílio, como o conto “Geografias” de Mario Benedetti, que o retrato de um deslocamento territorial se reflete nos sujeitos envolvidos na forma de percepções espaciais cristalizadas pelo tempo.

As Geografias de Benedetti

Entre os autores que tratam dessa temática, destacamos Mario Benedetti (1920- 2009) escritor uruguaio nascido em Paso de los Toros (Tacuarembó, interior do Uruguai), pois ele trata do exílio em muitos de seus escritos. Benedetti viveu boa parte de sua vida em Montevideu, com passagens por Buenos Aires e Estados Unidos, dedicando-se ao campo editorial de

importantes revistas literárias e de reflexão crítica. Durante esse período se consagra como escritor de poesias, contos e novelas e aumenta sua participação política e atividade intelectual no meio acadêmico, trabalhando como crítico, diretor e professor universitário. Depois do golpe de estado de 1973, renuncia a seu cargo na universidade e abandona o Uruguai, iniciando um longo exílio de quase doze anos que o levou a morar na Argentina, Perú, Cuba e Espanha. Essa experiência orientou a temática de muitas de suas produções. Não se trata aqui de escritas autobiográficas, mas da presença de uma temática recorrente que se justifica pelas vivências do autor. Retorna ao Uruguai na década de 80, período de “desexílio” (BENEDETTI, 1985, p. 39), o que marcou a continuidade de sua obra literária. Faleceu em 2009, em sua Montevideu, com 88 anos.

A obra de Benedetti possui como característica a temática social e geográfica, o que transforma o espaço em uma categoria que possui grande significação em sua obra, já que, como aponta o trabalho de Silveira e Costa (2008, p.4), em termos estéticos, o autor faz uso de “[...] um aparato retórico que faz com que o fio condutor de suas histórias, muitas vezes, seja mais o espaço do que o tempo.” Desta forma é possível afirmar que “[...] esta sensibilidade para os jogos de afastamentos diferenciais entre lugares, momentos e personagens, presente no espaço de relações que compõe a estética narrativa benedettiana, possui muitos elementos comuns ao discurso geográfico” (SILVEIRA; COSTA, 2008, p. 4).

Há doze anos Benedetti não pisava em sua terra natal quando publicou *Geografias* (1984). O autor já gozava de prestígio internacional quando essa obra foi lançada, mesmo assim ela não pode ser publicada no Uruguai e foi lançada na Espanha, México, Nicarágua e Argentina. Escrita durante seu exílio na Espanha, é uma obra que explora de forma subjetiva e poética a experiência do descentramento e do deslocamento afetivo e corporal. Ele justifica a escolha do título da obra em fala transcrita no texto de Silveira e Costa (2008), “Geografias, no plural, porque se refere a esses diferentes exílios. Queria que cada título tivesse uma referência geográfica.”² (p.12. Tradução nossa.) Desta forma fica evidenciada a espacialidade da obra e sua preocupação com a temática do deslocamento.

No trabalho de Silveira e Costa (2008), os autores buscam descrever a obra da seguinte forma:

Geografias é composta em dois gêneros literários: o conto e a poesia. Cada um dos catorze capítulos está agrupado por pares onde se joga com a dobra dos gêneros narrativos preferidos pelo autor. Estes duplos estão articulados

² Cf. Original: “Geografias, en plural, porque se refiere a esos diversos exilios. Quería que cada título tuviera una referencia geográfica”

por temáticas semelhantes e apresentados mediante um subtítulo comum que correspondem a um vocábulo geográfico: “Erosões”, “Finisterre”, “Meridianos”, “Litoral”, “Regiões”, “Enclave”, “Migrações”, “Húmus”, “Tremedais”, “Nadir”, “Glaciares”, “Atmosfera”, “Leito do rio” e “Estações”. [...] A estrutura aberta que dá forma ao livro é toda mapeada por um conjunto de movimentos migratórios, fluxos desejanter e outras oscilações humanas. São contos e poemas que se entrecruzam, linhas de fuga que vinculam distantes e distintos pontos da diáspora. Transmitem àquele que lê sensações que causam estranhamento e por vezes desorientação. Narrativas que situam o leitor meio a deslocamentos de força, trazendo à superfície da consciência o emaranhado das relações entre poder e delírio, desejo e medo, sonho e refúgio. (p. 12-13)

Como parte da coletânea destacamos o conto “Geografias”, que segue a proposta do livro e utiliza a metáforas geográficas para compor sua poética e refletir um amargo episódio histórico que marcou toda uma geração uruguaia.

No conto o personagem exilado na França busca, em encontros regulares com outro amigo exilado, rememorar os espaços da cidade do Montevidéu como forma de manter vivo o sentimento de pertencimento e os vínculos afetivos. A narrativa inicia com a seguinte interpretação desses encontros pelo narrador em primeira pessoa:

Bobagens que você inventa no exílio para tentar se convencer de que não está ficando sem paisagem, sem gente, sem céu, sem país. As geografias, que delírio bobo. Pelo menos uma vez por semana, Bernardo e eu nos encontramos no café Cluny para mergulhar (diante de um *beaujolais*, ele; de um *alsace*, eu) nas benditas geografias. Um jogo elementar e meio opaco, que só se explica pela chatice. Mas a chatice, porra, é uma realidade. Me chateio. Logo existo. E por isso o jogo tem lá o seu encanto. (BENEDETTI, 2013, p. 7)

O jogo ao qual o narrador se refere trata-se de uma dinâmica de perguntas sobre detalhes da cidade de Montevidéu, como por exemplo, a descrição de “[...] um edifício, um teatro, uma árvore, um pássaro, uma atriz, um café, um político proscrito, um general na reserva, uma padaria, qualquer coisa.” (BENEDETTI, 2013, p. 7). O outro deve responder descrevendo tal lugar ou pessoa buscando na memória a maior riqueza de detalhes possível. Essa dinâmica repetida pelos dois amigos retrata a busca por ancoragem mnemônica em um estado de trânsito. As imagens que eles possuem da cidade de Montevidéu são construções que se deram pela experiência do passado, pela vivência em um tempo em que percorria as ruas da cidade. Portanto, são lembranças puras (BERGSON, 1999) que necessitam de uma atualização para que se conectem ao presente e passem a ser lembranças-imagens e percepções. No entanto, no

caso específico de nosso protagonista e seus amigos, não há essa possibilidade, e os amigos repetem incansavelmente imagens que correspondem às lembranças de um tempo passado. Através da visita aos lugares cristalizados pela memória, negam o lugar em que vivem, transformando-o em um não lugar (AUGÊ, 2012), pois, como afirma Kristeva (1994), eles vivem o estado de

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada (p. 15)

A proposição de “não lugar” definido por Auge Marc (1992) parte do princípio de que “[...] se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (p. 73) França para os personagens não representa nenhuma dessas funções já que eles não demonstram familiaridade ou integração ou qualquer vínculo identitário ou histórico. A máxima de sua vida é a falta de ânimo, a *mufa*: “Mufo, luego existo.” (BENEDETTI, 1994, p. 367), sinônimo de chateação, mau humor e/ou má sorte. A melancolia, portanto, é o motor do jogo e compõe sua rotina caracterizando aquele estrangeiro “[...] que chora eternamente o seu país perdido” (KRISTEVA, 1994, p. 17). A única tentativa de relação que se observa entre o narrador e a cultura francesa é o uso de algumas palavras em francês quando da descrição das comidas ou em outras poucas ocorrências no texto. Essas pequenas manifestações são paradoxais tentativas de romper um descentramento que perpassa o uso da língua do outro.

Mas o espaço que os habita é a Montevideu de quase dez anos atrás, mesmo frente ao distanciamento geográfico e temporal. O espaço utópico, o paraíso perdido é “[...] uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada.” (KRISTEVA, 1994, p. 17) Considerando o pensamento de Foucault, a partir de seu texto *De Espaços Outros*, resultado da Conferência proferida em 1967, as chamadas utopias são “[...] as alocações sem lugar real. [...]. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços fundamentalmente, essencialmente, irreais” (FOUCAULT, 2013, p. 115). Assim se estabelece o contraste entre o não lugar em que ele vive e o espaço utópico que é mantido vivo pela memória, mas que não existe mais. Como bem salienta Augé (2012), “O não lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica.” (p. 102), o que se percebe na percepção do narrador, que vive Paris enquanto passagem e trânsito.

Podemos pensar pelo viés psicanalítico que a cidade de Montevideu representa a casa, aquela que segundo Bachelard (2008), “[...] é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (p. 36). Ele ainda completa:

A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, na sequência de nossa obra, luzes fugidias de devaneios que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. (BACHELARD, 2008, p. 25)

Desta forma, a manutenção desses espaços como forma de memória mantém os vínculos e o sentimento de pertencimento a um espaço que representa o corpo e a alma. A casa “[...] é o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘jogado no mundo’, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa” (BACHELARD, 2008, p. 26). Desta forma, na tentativa de viver mesmo que utopicamente os espaços de estabilidade, manter os vínculos com a casa acaba por reter o tempo, que tem seu transcurso natural negado pelo narrador de Benedetti. Ele vive a memória e a imaginação que o desloca para uma casa que o conforta enquanto berço, que dá a ele o sentido do habitar e restabelece a “[...] ligação apaixonada entre o nosso corpo que não esquece e a casa inolvidável” (BACHELARD, 2008, p. 34).

A narrativa prossegue e logo o personagem nos relata como esse espaço utópico é contraposto pela personagem Delia, também exilada, porém recém-chegada na França. A personagem encontra os dois amigos no café e é colocada a par da dinâmica das perguntas e respostas e, inclusive, é convidada a passar a atuar como árbitro, uma vez que teria a memória mais viva da cidade. Eles pedem para que ela os atualize com notícias do Uruguai. Roberto indaga: “Então você traz notícias frescas, imagens frescas, cartões novos, como está tudo, o que as pessoas estão pensando, conte logo, porra” (BENEDETTI, 2013, p. 11).

Interessante observar que a cidade enquanto imagem, registro mnemônico do passado, fotografia ou imagens frescas e postais novos, como diz o narrador, reproduz ao infinito o que ocorreu uma vez, já que ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. (BARTHES, 1984) A imagem fotográfica reúne em si a dicotomia do passado e do presente, “[...] o retorno do morto” (BARTHES, 1984, p. 20). “[...] A foto é como um teatro primitivo, como um Quadro Vivo, a figuração da face imóvel e pintada sob a qual vemos os mortos.” (BARTHES, 1984, p. 54). Segundo Barthes (1984) a que se vê através da fotografia é a certeza de que o que está ali retratado não existe mais, é o retrato do passado morto, pois

[...] a imobilidade da foto é como o resultado de uma confusão perversa entre dois conceitos: o Real e o Vivo: ao atestar que o objeto foi real, ela induz subrepticamente a acreditar que ele está vivo, por causa desse logro que nos faz atribuir ao Real um valor absolutamente superior, como que eterno; mas ao deportar esse real para o passado (“isso foi”), ela sugere que ele já está morto. (p. 118)

Partindo dessa compreensão é através da imagem fotográfica que temos a certeza de que o referente fotografado esteve lá, e, portanto, representa o isto-foi. Ele é real, mas é passado. Assim ela retrata o que foi, e não o que é. A constatação dos personagens de que suas memórias eram agora imagens de um passado morto os desconcertam e faz com eles vivam um novo exílio: o distanciamento de seu espaço de construções imagéticas. Quando Delia oferece algumas informações sobre a cidade, ela aponta: “Ah, eu acho que vocês não reconheceriam a cidade. Os dois perderiam esse jogo das geografias.” (BENEDETTI, 2013, p. 12) e descreve várias mudanças no desenho da cidade. O narrador então relata: “Insensivelmente, o jogo das geografias se transforma numa ansiosa indagação. Começamos a vasculhar a cidade, a nossa, a minha e de Bernardo, com perguntas ansiosas.” (BENEDETTI, 2013, p. 12). As cidades de Montevideu da memória de cada personagem são contrapostas à descrição da atualidade. O fator temporal passa a figurar como o responsável pela distância entre a memória dos personagens e a situação atual da cidade de Montevideu.

Diferentemente do curso natural de atualização e ressignificação das imagens e sua transformação em lembrança-imagem ou percepção (BERGSON, 1999), os personagens, frente ao relato de Delia, sentem a imensa fratura entre o passado e o presente. Esse contraste entre as diferentes significações tem o peso simbólico de uma nova perda e da existência de apenas resíduos, mortos e escombros de uma cidade de vidas passadas. É possível perceber esse desconforto na descrição de quando ela responde às indagações dos amigos e salienta que “[...] em todas partes se veem andaimes de obras paradas, ou casarões em escombros. São remanescentes do *boom* da construção” (BENEDETTI, 2013, p. 13).

Para Roland Barthes (1987) a cidade é um poema, mas não é “[...] um poema clássico, um poema centrado no assunto. É um poema que expande o significante”. (p. 231), remetendo à espacialidade da linguagem. A cidade natal enquanto poema é um significante que possui significados próprios para cada um dos personagens que a rememora, portanto, é um deslizamento infinito da significação, segundo o autor. O confronto entre o espaço utópico e as

descrições e notícias de Delia colocam em contraste as diferentes significações do mesmo significante, como salientou Barthes (1987).

O estado de ruína também se aplica às relações afetivas e os escombros também possuem significados para os antigos amantes. Em dado momento da narrativa, Bernardo se retira do café e Roberto e Delia buscam retomar o romance interrompido pelas atividades da militância e, posteriormente, pela clandestinidade, prisões e exílios. A percepção das mudanças na antiga companheira se dá por descrições furtivas e diálogos truncados, como nesta passagem:

Ela me olha com nova atenção e diz quanto tempo, hein, quanto tempo e quantas coisas. De repente lhe pesaram no rosto uns dez anos, não com rugas, olheiras nem pés de galinha, mas com abatimento e com tristeza. E não aquela tristeza de instante, provisória, efêmera, é outra, incurável, atarraxada nos ossos, com raízes em algum enigma que para ela não é. (BENEDETTI, 2013, p. 16)

Os dois insistem na aproximação, buscando reviver o passado. Roberto a convida a conhecer o lugar onde mora e os dois se deslocam “[...] de braços dados, sem falar, mas o contato refaz uma história.” (BENEDETTI, 2013, p. 17). Chegando ao destino, contam um ao outro suas atividades profissionais, preferências literárias, experiência na cidade de Paris. Olham fotos, tomam café e finalmente, diante da aproximação, faz-se um silêncio. “Um silêncio espesso depois de tanta conversa transparente.” (BENEDETTI, 2013, p.20). Se abraçam e Roberto percebe a distância que há entre eles. Delia conduz sua mão a seus seios e o fita com olhar seco. O narrador por fim significa o encontro dos dois tempos e a mensagem transmitida por Delia através deste gesto:

Não pode ser, não vai ser, não tem volta, entende? Isso é o que diz. Não pode ser, por mim e por você. Isso é o que diz. Todas as paisagens mudaram, em toda parte há andaimes, em toda parte há escombros. Isso é o que diz. Minha geografia, Roberto. Minha geografia também mudou. Isso é o que diz. (BENEDETTI, 2013, p. 21)

Com esse trecho Benedetti finaliza o conto, em que seus personagens são impossibilitados pelo tempo e pelo espaço de retomarem suas vidas. Como o narrador afirma, o que os mobiliza é a saudade, “[...] a saudade como detergente, a saudade como corrosão, a

saudade como consolo.” (BENEDETTI, 2013, p. 20). A geografia das cidades e dos corpos também está composta por escombros, imagens passadas, que não voltam mais.

Para concluir

Com base no exposto, é possível concluir que o espaço da casa, a partir do pensamento de Bachelard (2008), que no conto se apresenta pela ancoragem significativa da cidade natal e dos corpos dos amantes, transforma-se em resíduos de um passado utópico distante quanto contrastado com a descrição do país natal feita por Delia e pela presença de seu corpo seco durante o encontro. Geografia enquanto metáfora espacial é utilizada nesse conto tanto para significar a cidade de Montevideu pelos personagens exilados, quanto os corpos do casal que também sofreram mudanças e violências. Assim como as memórias da cidade não mais representam a realidade espacial do presente, os corpos do casal não podem mais reviver os sentimentos mortos.

O presente, segundo Bergson (1999), requer movimento, é uma instância sensório-motor, pois o meu presente deve se estender ao passado e ao futuro. “Meu presente portanto é sensação e movimento ao mesmo tempo; e, já que meu presente forma um todo indiviso, esse movimento deve estar ligado a essa sensação, deve prolongá-la em ação.” (p. 161). Uma vez havendo a quebra da percepção dos espaços no tempo presente, não há mais presente e somente um passado de lembranças das geografias que se tornam cristalizadas no passado utópico (FOUCAULT, 2013). O tema do exílio tratado no conto nos apresenta esta condição dos personagens de viver frente a imobilidade do tempo presente que afeta a percepção espacial e mnemônica. A impossibilidade de conjugar o passado, o presente e o futuro sublinha a desterritorialização dos personagens em sentido estrito e figurado.

A temática do exílio no conto “Geografias” é tratada de um ponto de vista descentrado, o que fica evidenciado no plural usado no título que aponta para uma variedade de abordagens e perspectivas que buscam retratar diversos exílios. Entre os diferentes exílios vivenciados pelo narrador estão: o afastamento territorial da pátria natal, a perda do espaço representativo de imagens e lembranças de sua casa afetiva, a impossibilidade da retomada de antigos amores em antigas geografias corporais. Assim, a obra aborda tanto os deslocamentos que se dão de forma territorial quanto aqueles da estrutura interna dos personagens, demonstrando a fratura existente nas percepções espaciais e temporais em situação de exílio.

Referências

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. **A Aventura Semiológica**. Lisboa: Ed. 70, 1987.
- BENEDETTI, Mario. **El desexílio y otras conjeturas**. Madrid: El país, 1985.
- BENEDETTI, Mario. Geografias. *In*: BENEDETTI, Mario. **Histórias de Paris**. São Paulo: Globo, 2013. p. 7-21.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2016.
- FERNANDES, Neiva Maria Graziadei. **Fronteiras da Memória, exílio de cada um: a narrativa dos rastros em Mario Benedetti e Marta Traba**. 201f. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Programa de Pós Graduação em Letras. Porto Alegre, 2015.
- FOUCAUT, Michel. **De espaços outros**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, n. 27, v. 79, 2013. p. 113-122.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PARANHOS, Ana Lucia Silva. Des(re)territorialização. *In*: BERND, Zila. (org.) **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 147-166.
- SILVEIRA, Maria Laura; COSTA, Daniel De Lucca Reis. **Norteando-se pelos limites do Sul: Uruguai na Imaginação Geográfica de Mario Benedetti**. São Paulo: USP, Jan. 2008.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. *In*: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.
- TRONQUOY, Darlene Vianna Gaudio Angelo. Exílio. *In*: COSER, Stelamaris (Org.) **Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos**. Vitória: EDUFES, 2016. p. 122-130.